

XXVIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

**20 a 22
de
Setembro
de 2022**

Estudos Clássicos:

Memórias e Trajetos

Conferências;
Minicursos;
Sessões de
comunicações;
Mesas-redondas;
Café com conversa;
Cineclube

Inscrições (ouvintes):

<https://www.even3.com.br/xxviiiisec2022>

Venus Lovatelli, 1st century CE, National Archaeological Museum, Naples, Italy. Oxfordre; Right: Vinzenz Brinkmann, Ulrike Koch-Brinkmann, Colorized Replica of Venus Lovatelli from Pompeii, Polychromy Research Project. Smithsonian Magazine.



ESTUDOS CLÁSSICOS: MEMÓRIAS E TRAJETOS

20 a 22 de setembro de 2022

Instituto de Letras (UFF)

Campus do Gragoatá – Niterói (RJ)

Caderno de Resumos

Niterói

2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
BREVE HISTÓRIA DO SEC-UFF.....	5
PROGRAMAÇÃO.....	7
DIA 20 DE SETEMBRO.....	7
DIA 21 DE SETEMBRO.....	9
DIA 22 DE SETEMBRO.....	11
RESUMOS.....	13
Conferência de abertura.....	13
Conferência de encerramento.....	13
Mesa-redonda 1: A influência dos Estudos Clássicos no ambiente cultural e acadêmico: UFRJ, USP, UFPB.....	15
Mesa-redonda 2: Os Estudos Clássicos no contexto de Letras e de Filosofia.....	16
Mesa-redonda 3: O panorama dos Estudos Clássicos no eixo Sul-Sudeste.....	18
Sessão de comunicações 1.....	20
Sessão de comunicações 2.....	23
Sessão de comunicações 3.....	24
Sessão de comunicações 4.....	26
Sessão de comunicações 5.....	28
Sessão de comunicações 6.....	29
Sessão de comunicações 7.....	31
Sessão de comunicações 8.....	33
Sessão de comunicações 9.....	35
Minicursos.....	37
AGRADECIMENTO.....	39

INTRODUÇÃO

O XXVIII Seminário de Estudos Clássicos, com o tema “Os Estudos Clássicos no Brasil: Memórias e Trajetórias”, pauta-se na necessidade de fomentar a discussão científica, em âmbito local e nacional, entre estudiosos de temas vinculados ao mundo clássico antigo e seus desdobramentos, e manter a tradição do Instituto de Letras na organização de um congresso científico de mais de três décadas.

Esse evento justifica-se pela importância que os Estudos Clássicos têm, em nosso país, desde a educação jesuítica até os dias de hoje, tanto no âmbito cultural como no religioso, jurídico, filosófico, esportivo, político, sendo os professores de instituições brasileiras de ensino superior responsáveis também por apresentar à sociedade parte de sua composição multicultural que, na verdade, acabou por abasileirar o grego e o latim e as histórias transmitidas nessas línguas, como podemos claramente observar nas narrativas de Monteiro Lobato, por exemplo. É nosso papel contribuir para uma ampla compreensão de nossa realidade considerando nossa formação cultural, multifacetada pela própria constituição do nosso povo. E, como reflete Rolim (2002, p. 64),

sempre haverá, enquanto houver espírito crítico e investigador no homem, sempre haverá o leitor que, sem outra finalidade além do prazer de descobrir, abrirá um velho livro que, por descuido, não levaram para o depósito. Intrigado com o sentido das palavras que ali foram deixadas por um homem de outra época, vai se esforçar para compreendê-las e entender o porquê da sua permanência, que talvez seja um dos porquês da permanência da própria civilização.

Realizado pelo Grupo de Pesquisa (reconhecido pelo CNPq) “Laboratório de Estudos Clássicos”, o SEC-UFF estabelece mais um ponto de irradiação da cultura clássica, presente em nosso mundo simbólico brasileiro, e é uma oportunidade de trabalho conjunto entre os setores de Grego e de Latim do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFF e os professores e pesquisadores dos Departamentos de História e Filosofia desta Universidade. Esse evento proporciona, ainda, o diálogo com as outras importantes instituições universitárias cariocas e fluminenses e seus institutos de pesquisa, em prol da difusão do desenvolvimento e dos resultados de estudos e práticas realizadas na área de Clássicas em nosso Estado.

BREVE HISTÓRIA DO SEC-UFF

A história de mais de trinta anos do Seminário de Estudos Clássicos da UFF remonta a 1985, quando, na 37ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) foi fundada a SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos). Antes mesmo da 1ª Reunião Anual da SBEC em 1986, organizam-se Subsecretarias Regionais para serem órgãos de coordenação local e apoio à Secretaria Geral da SBEC, naquele momento, sediada na UFMG, em Belo Horizonte. Uma dessas Subsecretarias é a SE3 (Estado do Rio de Janeiro, exceto capital), que, ainda em 1985, organiza o Seminário de Estudos Clássicos, em conjunto com a UFF. Durante os primeiros anos do estabelecimento da SBEC a SE3 realiza com a UFF ainda mais dois eventos nos mesmos moldes: o II e o III Seminário de Estudos Clássicos, em 1986 e 1987.

Depois, até 2009, de uma forma irregularmente anual, um total de vinte edições do Seminário são organizados na UFF (com algumas parcerias) pelos docentes dos setores de Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC-UFF) do IL-UFF.

A partir de 2010, os professores do GLC com apoio, na época, do CEIA-UFF (Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade) realizam mais três edições do SEC, que passou a ter uma periodicidade bienal.

Em 2016, em função de um grande movimento social e estudantil contrário à então PEC 41 do Governo Federal, decidiu-se por não se organizar a 24ª edição do evento naquela oportunidade, quando, então, se poderiam comemorar os 30 anos do Seminário de Estudos Clássicos da UFF. Tal comemoração foi realizada no ano seguinte, em 2017, com o 24º Seminário, que tinha como oportuna temática “Crises e transformações: ontem e hoje”.

Em 2018, realizamos a 25ª edição do Seminário, com o tema “Fluxo de ideias: cartas e viagens”. A proposta foi discutir a circulação do pensamento na Antiguidade e pensar como isso influencia nossa forma de trocar informações até hoje. Não podemos deixar de pensar nas atualíssimas “fake news”.

Em 2019, o evento passou a ser realizado pelo “Laboratório de Estudos Clássicos” (LEC-UFF), grupo de pesquisa certificado pelo CNPq. Dessa vez, o Seminário, com

apoio do edital CAPES-PAEP, tratou da temática “O povo e as relações de poder na Antiguidade”.

A 27ª edição do SEC-UFF teria ocorrido em setembro de 2020, porém, em virtude das restrições sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19, o evento foi transferido para 2021 e, com apoio do POSLING-UFF e da FAPERJ, foi realizado de forma totalmente remota.

Chegamos à nossa 28ª edição do SEC-UFF neste ano de 2022. A escolha do tema “Estudos Clássicos no Brasil: Memórias e Trajetos” para o seminário provém do desejo de discutir o papel dos Estudos Clássicos em um país que, embora se localize distante dos artefatos comprobatórios da Antiguidade Clássica – produzidos pelos gregos e romanos antigos nas regiões por eles ocupadas na África, Ásia e Europa –, tem, em seu acervo cultural trazido pelos colonizadores europeus, o legado histórico, literário, filosófico, político e arquitetônico que marca a sua paisagem, a produção literária e o pensamento político-filosófico.

Prof. Dr. Beethoven Alvarez

Profa. Dra. Greice Drumond

Profa. Dra. Glória Braga Onelley

Profa. Dra. Thaíse Bastos Pio

Lista das edições anteriores do SEC-UFF até 2000:

- XXVII (2021) Civilização e violência
- XXVI (2019) O povo e as relações de poder na Antiguidade
- XXV (2018) Fluxo de ideias: cartas e viagens
- XXIV (2017) Crises e transformações: ontem e hoje
- XXIII (2014) Representações e Apropriações da Natureza na Antiguidade
- XXII (2012) Narrativa e Ficção
- XXI (2010) Amizade e Política na Antiguidade
- XX (2008) Prazer e Moral no Mundo Antigo
- XIX (2007) A Sociedade na Antiguidade: Religião, Desejo e Poder
- XVIII (2004) Paixão antiga, teoria contemporânea
- XVII (2003) Apropriação da Antiguidade pelo Mundo Contemporâneo
- XVI (2001) Leituras da Antiguidade Greco-Romana
- XV (2000) Língua e Pensamento na Antiguidade

PROGRAMAÇÃO

DIA 20 DE SETEMBRO

08h-10h

Minicurso 1: sala 505C

Aprendendo o grego das obras raras: introdução à tipografia grega renascentista

Prof. Dr. Pedro Martins (UFRJ)

10h-12h

Conferência de abertura: Auditório Macunaíma, sala 405B

Realidade e perspectiva dos Estudos Clássicos na região Norte do Brasil

Prof^a. Dr^a. Jovelina Ramos (UFPA)

14h-16h

Mesa-redonda 1: Auditório Macunaíma, sala 405B

A influência dos Estudos Clássicos no ambiente cultural e acadêmico: UFRJ, USP e

UFPB

Prof. Dr. Henrique Cairus (UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Giuliana Ragusa (USP)

Prof^a. Dr^a. Priscilla Gontijo (UFPB)

16h-18h

Comunicações paralelas

Sessão de comunicações 1

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ)

- **Fronteiras bárbaras: qual é o lugar do Outro?**
Elizabeth Barranqueiros Loubach da Silva (UFRRJ)
- **Releitura da personagem homérica Circe em Madeline Miller**
Gabriela Souza Farias de Azevedo (UERJ)
- **A Fera da Cólquida: o espelo da fúria**
Jéssyca Florêncio Simão da Silva (UFRRJ)
- **De Odisseu a José: a jornada dos heróis**

Mateus Amorim Ribeiro (UFRRJ)

- **Tradução teatral e alteridade: outras Medeias**

Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ)

Sessão de comunicações 2

Coordenadora: Prof^{ta}. Dr^a. Fernanda Messeder (UFRJ)

- **O conteúdo dos Anais de Ênio como modelo para escrita poética de Cícero**
Alessandro Carvalho da Silva Oliveira (UFES)
- **As *Laudes Galli* no quarto livro das *Geórgicas***
Juliane Bezerra da Silva (UFRJ)
- **O encômio às *nugalia* nos *Elogios da fumaça e da poeira*, de Frontão**
Fabrizia Nicoli Dias (UFES)

Sessão de comunicações 3

Coordenadora: Prof^{ta}. Dr^a. Jane Kelly de Oliveira (UEPG)

- **A recepção do mito de Clitemnestra em uma peça de Carlos Henrique Escobar**
Bárbara Siqueira Martins (UFF)
- ***Neomitologismo* e estética nazifascista na Liga da Justiça de Zack Snyder**
Dáleth da Silva Costa (UFF)
- **Sobre os personagens cômicos**
Luan Pereira dos Santos (UERJ)

18h-20h

Minicurso 2: ON-LINE

A recepção da Antiguidade clássica grega e romana em livros para crianças e jovens publicados no Brasil

Prof^{ta}. Dr^a. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ/FAPERJ/CNPq)

DIA 21 DE SETEMBRO

08h-10h

Minicurso 1: sala 505C

Aprendendo o grego das obras raras: introdução à tipografia grega renascentista

Prof. Dr. Pedro Martins (UFRJ)

10h-12h

Comunicações paralelas

Sessão de comunicações 4

Coordenadora: Prof^ª. Dr^ª. Glória Braga Onelley (UFF)

- **La cuestión de la identidad. El mito como sistema de representaciones identitarias**

Prof^ª. Dr^ª. María Cecilia Colombani (Universidad de Morón, Universidad Nacional de Mar del Plata, Programa UBACYT)

- **O mito platônico em Apuleio: Eros e Psiquê**

Giovanna Angela Agulha Sarti (USP)

- **O Mito na ascensão do “mito” (bolsonarismo) – Como a desvalorização da Literatura nos conduziu ao bolsonarismo**

José Eduardo Fonseca Brandão (UFF)

Sessão de comunicações 5

Coordenadora: Prof^ª. Dr^ª. Greice Drumond (UFF)

- **Estátuas gregas policromadas: por que persiste o ideal do mármore branco?**

Vitória de Freitas Machado (UFRJ)

- **O comércio de cerâmicas figuradas entre Grécia e Etrúria**

Ninna Koriztky Falconiere Lopes (UFF)

- **Formas da poesia e do poeta: um olhar para a tradução da *Odisseia* na linguagem dos quadrinhos**

Maria Clara da Cunha Machado (UFF)

Sessão de comunicações 6

Coordenador: Prof. Dr. Beethoven Alvarez (UFF)

- ***Nunc operam date: os prólogos postergados de Miles Gloriosus e Cistellaria***
Fellipe Duarte da Silva Alves de Souza (UFRJ)
- **Tradução em Duplo Decassílabo do Canto VIII da *Eneida* de Virgílio**
Jonathan Henrique Marcos de Azevedo (UFF)
- **Oráculos da Roma republicana**
Fernanda Ferreira Lyra Bastos (UNIRIO)
- ***In Verrem* – Uma análise linguística do discurso ciceroniano**
Bianca Bartira G. da Silva (UFRJ)

14h-16h

Mesa-redonda 2: Auditório Macunaíma, sala 405B

Os Estudos Clássicos no contexto de Letras e de Filosofia

Prof^a. Dr^a. Fernanda Lima (UERJ)

Prof^a. Dr^a. Rívia Silveira (UFRRJ)

Prof^a. Dr^a. Gisele Amaral (UFRN)

16h-18h

Café com Conversa: Auditório Macunaíma, sala 405B

As Letras Clássicas na UFF

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Cerqueira

Prof^a. Dr^a. Lívia Lindóia Paes Barreto

18h-20h

Minicurso 2: ON-LINE

A recepção da Antiguidade clássica grega e romana em livros para crianças e jovens publicados no Brasil

Prof^a. Dr^a. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ/FAPERJ/CNPq)

DIA 22 DE SETEMBRO

08h-10h

Minicurso 1: sala 505C

Aprendendo o grego das obras raras: introdução à tipografia grega renascentista

Prof. Dr. Pedro Martins (UFRJ)

10h-12h

Comunicações paralelas

Sessão de comunicações 7

Coordenador: Prof. Dr. Eduardo de Freitas (UFRJ)

- **O homem romano em luto: epístolas 63 e 99 de Sêneca**
Angélica de Azevedo Silva (UFF)
- **“Matar novamente o que está morto”: a construção da memória sobre os *átaphoi* na Grécia antiga**
Camila Alves Jourdan (UFF)
- **Violência política e imperialismo em *As Troianas* de Sêneca**
Licya dos Santos Rios (UFF)
- ***As Troianas*, de Sêneca, e a longa memória da violência sexual na guerra**
Érica Marques de Sant’ Anna (UFF)

Sessão de comunicações 8

Coordenador: Prof. Dr. Bruno Gripp (UFF)

- **Amor e cuidado de si: uma mensagem ética do *Banquete* para os nossos dias**
Felipe Gustavo (UNICAMP/FACHO)
- **Imagens do tempo na filosofia natural de Aristóteles**
Gabriel Moraes Dias de Souza (PUC-Rio)
- **Mitraísmo e cristianismo na Roma antiga: convergências e divergências**
Michelle Paiva Marinho (UFRJ)
- **Ecos da poesia virgiliana em Agostinho**
João Victor de Souza Silva (UFJF)

Sessão de comunicações 9

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ)

- **Interseção entre ciclo Atrida e ciclo Troiano no *Agamênon* de Ésquilo**
Fernanda Mattos Borges da Costa (UFRJ)
- **O arauto e a Nêmesis – a tragédia grega como rastro ritual do sagrado feminino**
Gabriela de Assis Costa Moreira (UFRJ)
- **O *télos* e a recepção do mito de *Ifigênia* em “O sacrifício do cervo sagrado” (2017)**
Eduardo Cardoso (UFF)

14h-16h

Mesa-redonda 3: Auditório Macunaíma, sala 405B

O panorama dos Estudos Clássicos no eixo Sul-Sudeste

Prof. Dr. Brunno Vieira (Unesp)

Profa. Dra. Maria Cecília Miranda (UFMG)

Prof. Dr. Rafael Brunhara (UFRGS)

16h-18h

Conferência de encerramento: Auditório Macunaíma, sala 405B

Canibalização dos Clássicos e Humanidades Digitais: Machado de Assis vai ao cinema

Cineclube: Documentário “Canibal nos Trópicos”, direção de Edson Martins

Prof. Dr. Edson Martins (UFV)

18h-20h

Minicurso 2: ON-LINE

A recepção da Antiguidade clássica grega e romana em livros para crianças e jovens publicados no Brasil

Prof^a. Dr^a. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ/FAPERJ/CNPq)

RESUMOS

Conferência de abertura

REALIDADE E PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Prof^a. Dr^a. Jovelina Ramos (UFPA)

Com base em uma investigação empírica, tomando como referência os *sites* dos cursos de História, Filosofia e Letras, dos sete estados que compõem o Norte do Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), pretende-se tratar do papel e da situação dos Estudos Clássicos na região, apontando como as universidades públicas, federais e estaduais vivenciam realidades distintas nos estudos voltados para a Antiguidade clássica. Centrada nos três pilares da formação acadêmica - ensino, pesquisa e extensão -, a análise abordará as dificuldades e os ganhos que uma nova geração de pesquisadores vêm propiciando no processo de ampliação de abordagens e temáticas direcionadas para a área, além da reformulação da estrutura curricular dos cursos, em torno dos Estudos Clássicos na região Norte e, mais especificamente, no âmbito da Universidade Federal do Pará.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Clássicos. Realidade. Perspectivas. Região Norte. UFPA.

Conferência de encerramento

CANIBALIZAÇÃO DOS CLÁSSICOS E HUMANIDADES DIGITAIS: MACHADO DE ASSIS VAI AO CINEMA

Prof. Dr. Edson Ferreira Martins (UFV)

Na biografia sucinta e excelente que nos dá Alfredo Bosi (2011, p. 8) da vida de Machado de Assis, ao falar de sua paixão pela literatura, que pode ser observada nos hábitos incomuns de alguém que se revelou, desde os tempos de sua juventude até o fim de seus dias, assim se expressa o crítico brasileiro: “Em poucos anos, Joaquim Maria deu um salto qualitativo considerável, saindo do estreito círculo familiar e aproximando-se de jornalistas, poetas e letrados que constituíam o meio cultural de uma cidade meio

provinciana, meio europeizada, o Rio dos meados do século XIX. [...] provavelmente, nenhum escritor brasileiro da segunda metade do século XIX pode ombrear-se com Machado em termos de memória literária vivida e aprofundada ao longo de anos de leitura ininterrupta”.

Acredito que seja importante complementar os estudos sobre os diálogos machadianos para além dos autores europeus, norte-americanos e brasileiros, realizados com muito empenho pela crítica machadiana nacional e internacional, desde os séculos XIX e XX, trazendo à tona também a importância do conhecimento que Machado teve de outros autores, que serviram eles próprios como modelos para a formação das literaturas europeias, sobretudo a partir do Humanismo. Refiro-me aqui aos autores oriundos da Antiguidade Clássica, os quais também Machado, no século XIX e num contexto de um Brasil pós-1822, versava diuturnamente durante o seu longo processo de formação de autor-leitor. Nesse sentido, as relações dialógicas que o Bruxo estabeleceu com as literaturas grega e romana antigas não podem mais ser ignoradas pelos estudos machadianos, se desejarmos compreender o que o autor do ensaio *Instinto de Nacionalidade* (1873) almejava propor quando afirmava ser possível - e necessário - ao verdadeiro escritor nacional falar “de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (ASSIS, 2006b [1873], p. 804).

Em nosso encontro, pretendo apresentar os resultados obtidos no âmbito do projeto de pesquisa “Reminiscências da cultura clássica na obra de Machado de Assis”, que coordeno no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa desde 2012, bem como promover a exibição/discussão do longa-metragem documental “Um Canibal nos Trópicos”, que produzi, dirigi e roteirizei, dedicado a uma releitura biobibliográfica de Machado de Assis, em busca dos segredos do “mulato de alma grega.”

PALAVRAS-CHAVE: Clássicos. Recepção. Machado de Assis. Cultura. Cinema.

Mesa-redonda 1: A INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NO AMBIENTE
CULTURAL E ACADÊMICO: UFRJ, USP, UFPB

**᾽ΟΜΦΑΛΟΣ ΤΟΥ ΚΟΣΜΟΥ: OS ESTUDOS CLÁSSICOS E SUAS
INSTITUCIONALIDADES NO BRASIL**

Prof. Dr. Henrique Cairus (UFRJ)

Pretendo apresentar algumas reflexões acerca das características da institucionalização dos Estudos Clássicos no Brasil a partir de dois pontos: (1) do lugar dos Estudos Clássicos no cenário acadêmico, sobretudo diante dos desafios colocados pelas perspectivas decolonialistas e (2) de algumas ponderações acerca da experiência carioca nessa área, sempre do ponto de vista pessoal, numa perspectiva histórica do estabelecimento dos Estudos Clássicos nos currículos do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Clássicos. Decolonialidade. Rio de Janeiro.

**AS LETRAS CLÁSSICAS NA USP: HISTÓRIA,
MEMÓRIA, ATUALIDADE**

Prof^a. Dr^a. Giuliana Ragusa (USP)

O que se oferece na palestra é um passeio pela história das Letras Clássicas na USP, em balanço que enlaça o tempo da memória, em que figuram pioneiros e seus legados, e o da atualidade, entendida no sentido do que se vem construindo no decorrer de uma trajetória que se confunde com e que reflete a própria trajetória dos Estudos Clássicos no Brasil, trilhada na Academia e para além dela, no mais amplo espaço do público que, continuamente e de muitos modos, tem manifestado seu interesse no mundo greco-latino e contempla brevemente o futuro com a hesitação própria dos tempos difíceis do presente.

PALAVRAS-CHAVE: Letras Clássicas. Memória. História. Atualidade.

**MEMÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS: QUESTÕES A PARTIR DA
HISTÓRIA DO ENSINO DE LATIM NA PARAÍBA DO SÉCULO XIX**

Prof^a. Dr^a. Priscilla Gontijo (UFPB)

O objetivo desta comunicação é apresentar alguns documentos - leis, resoluções, relatórios de província - que abordam o ensino de Latim na Paraíba ao longo do século

XIX, momento de ampla discussão nacional sobre a configuração do ensino básico. Com base nisso, teceremos reflexões sobre o ensino da Antiguidade hoje, como esse conhecimento chega à maioria da sociedade brasileira e qual é a importância do estudo da Antiguidade numa perspectiva interdisciplinar. A comunicação será dividida em três momentos: 1) exposição das motivações para o estudo desse tema; 2) o ensino de Latim na Paraíba no século XIX; 3) considerações sobre o ensino da Antiguidade: passado e presente.

PALAVRAS-CHAVE: Latim. Século XIX. Antiguidade no Brasil.

Mesa-redonda 2: OS ESTUDOS CLÁSSICOS NO CONTEXTO DE LETRAS E DE FILOSOFIA

DO ANTIGO AO CONTEMPORÂNEO: OS ESTUDOS HELÊNICOS NO INSTITUTO DE LETRAS DA UERJ

Prof^a. Dr^a. Fernanda Lima (UERJ)

Na presente apresentação, pretendo percorrer um pouco da história do setor de grego, no Instituto de Letras da UERJ, a partir da renovação de 1995, buscando mostrar as atividades realizadas e as áreas de atuação em termos de língua, literatura e cultura que se expressam nas diversas fases da língua grega, da Antiguidade à contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos helênicos. Antiguidade. Contemporaneidade. UERJ.

O LATIM NO CURSO DE LETRAS DA UFRRJ

Prof^a. Dr^a. Rívia Silveira (UFRRJ)

Com base em minha experiência como professora de latim na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, apresento uma análise breve do lugar ocupado pelo latim no currículo do curso de Letras e a percepção de docentes e discentes sobre o impacto do aprendizado de língua latina para a formação do professor de língua portuguesa e literaturas. A realidade da UFRRJ assemelha-se muito à de outras instituições que não possuem cursos específicos de formação em língua e literatura latinas, o que resulta em baixa identificação dos alunos com o conhecimento da língua ou, ainda, mesmo quando há o interesse no processo de ensino-aprendizagem, em um distanciamento desse conhecimento com o

decurso de sua formação. Além da vivência como professora das disciplinas Latim 1 e Latim 2, a investigação tomará como base teórico-metodológica artigos recém-publicados sobre o panorama dos Estudos Clássicos no Brasil e conceitos da Análise do Discurso de base materialista.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de latim. UFRRJ. Currículo de Letras. Análise do discurso.

MEMÓRIA DO CETICISMO ANTIGO COM BASE NOS ESCRITOS DE SEXTO EMPÍRICO

Prof^a. Dr^a. Gisele Amaral (UFRN)

Sexto Empírico foi um autor que viveu em torno dos séculos II e III d.C., e sobre ele sabemos tão somente que, além de cético pirrônico, foi também um médico. Não obstante, respaldado pelo bom estado de conservação dos seus escritos, Sexto Empírico se tornou uma das principais referências para a história do ceticismo antigo e ainda uma fonte exclusiva de fragmentos e passagens de obras de diversos filósofos antigos perdidas ao longo do tempo. O fenômeno de traduções das obras antigas de língua grega, especialmente dos escritos filosóficos, que está na base da transmissão de conhecimentos entre os centros intelectuais do mundo antigo, atravessou principalmente o grego, o árabe e o latim. A obra de Sexto ficou conhecida no final do século XVI graças às traduções latinas de Stephanus e Hervetus, só tendo sido impressa em grego depois disso, em 1621, por Petrus e Jacobus Chouet. Considerando estas características envolvendo a recepção dos textos de Sexto Empírico, o objetivo desta apresentação será o de analisar aspectos da obra sextiana no gênero da *Quellenforschung* e, por meio do exemplo de Sexto Empírico, defender a relevância dos estudos clássicos não somente em prol de uma memória teórico-cultural, mas também como o estudo das fontes passadas pode repercutir em transformações teóricas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Ceticismo. Memória. Sexto Empírico.

Mesa-redonda 3: O PANORAMA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NO EIXO
SUL-SUDESTE

**A TRADUÇÃO EXPRESSIVA DO LATIM AO PORTUGUÊS:
CONTRIBUIÇÕES DE ALCEU DIAS LIMA (UNESP-ARARAQUARA)**

Prof. Dr. Brunno Vieira (Unesp)

Ao menos desde os anos 1990, os problemas envolvendo a transposição vernácula de textos latinos ao português têm sido objeto de reflexão do grupo de pesquisadores que compõem a Área de Latim da UNESP/Araraquara. Entre os pesquisadores desse grupo, destaca-se aqui o trabalho de seu precursor, o professor Alceu Dias Lima, virgilianista com formação francesa e um dos primeiros divulgadores da Semiótica de linha francesa em nosso país. Concomitantemente aos estudos envolvendo linguística e ensino desse idioma clássico, Alceu Dias Lima erigiu uma importante perspectiva teórica e prática sobre tradução em trabalhos acadêmicos que atualmente se encontram dispersos em periódicos e anais de eventos, além de alguns inéditos. Seguindo o princípio de não se desvincular conhecimentos de língua e de poética no estudo dos idiomas, Alceu Dias Lima, calcado no estudo métrico e prosódico dos originais latinos, reivindica o uso de expedientes poéticos no texto de partida que sejam equivalentes ao do texto de chegada, não com a pretensão de traduzir poesia, mas com a proposta de uma tradução que atente por fazer equivaler marcas de gênero e tom discursivos na transposição de uma língua a outra. O objetivo desta fala é apresentar um mostruário da produção acadêmica do professor Alceu Dias Lima, com o intuito de reunir e ordenar esse material esparso, mas também de oferecer uma síntese de sua atuação no campo de tradução de textos latinos.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Alceu Dias Lima. Semiótica.

**ENTRE A RETÓRICA E A RECEPÇÃO, ENTRE A LITERATURA E A
FILOSOFIA – OS (DES)CAMINHOS DA INTERDISCIPLINARIDADE**

Prof^a. Dr^a. Maria Cecília Miranda (UFMG)

As “Memórias e Trajetos” – tema do XXVIII Seminário no campo dos Estudos Clássicos – que apresentarei, aqui, são fruto, em parte, de minha experiência de treze anos na UFMG, doze como professora efetiva no Departamento de Filosofia e um como Bolsista de pós-doc. da Faculdade de Letras/FAPEMIG, orientada pelo professor doutor Jacyntho Lins Brandão (UFMG). É oportuno, porém, que eu tenha ficado em uma mesa-redonda

que discuta “Clássicos no eixo Sul-Sudeste”, pois a minha experiência no Sudeste foi particularmente marcada por trajeto anterior, no Sul, em Florianópolis, onde não apenas redigi meus Mestrado em Filosofia e Doutorado em Letras Clássicas, ambos na USP (o que me fazia estar em um tipo de moto contínuo, após três anos de estabilidade paulistana), mas onde realizei projeto em recepção dos clássicos que determinou sobremaneira minha atividade futura: o Filocinema (<https://filocinema.wordpress.com/>). No entanto, se entrei neste eixo, isso só foi possível pela marcante experiência anterior no Centro-Oeste, onde, ainda graduanda em matemática na UnB (“não entre aqui quem não for geometra” já calava fundo), conheci Eudoro de Sousa e privei de um ambiente particularmente inspirador, pois acabava de ser criado o curso de Filosofia, tendo como um dos eixos mais fortes, o Centro de Estudos Clássicos e queridíssimos mestres de formação e nacionalidades variadas.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias e Trajetos. Literatura. Filosofia. Recepção.

APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS LETRAS CLÁSSICAS NO SUL DO BRASIL

Prof. Dr. Rafael Brunhara (UFRGS)

Desde sua fundação, em 1942, o curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul oferece habilitações em Grego e em Latim, o que o torna um dos cursos de Letras Clássicas mais tradicionais do Brasil. Entretanto, sua história ainda não foi devidamente contada. Nosso propósito com esta comunicação é traçar um breve panorama dos cursos de Letras Clássicas na região Sul do país, reunindo informações e depoimentos de personagens que fizeram e fazem parte de sua história, analisando sua trajetória e observando seu papel na composição da área de Letras e dos Estudos Clássicos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Letras. Estudos Clássicos. Rio Grande do Sul.

Fronteiras bárbaras: qual é o lugar do outro?

Elizabeth Barranqueiros Loubach da Silva (UFRRJ)

Neste trabalho, discutiremos a perpetuação do corpo bárbaro - o não grego - e o lugar que ele ocupa no recorte ora proposto. Com base na leitura desse corpo na tragédia *Medeia*, de Eurípides, e sua releitura na peça argentina *A Fronteira*, encenada em 1960 por David Cureses, interessa-nos pensar em como o bárbaro pode ser representado para recuperar conflitos que permanecem em estado de tensão. Ao nos perguntarmos: que lugar é esse habitado por Medeia? Como essa personagem é relida em *A Fronteira*? E de que forma o bárbaro é inscrito em Cureses? Acreditamos que a literatura torna possível a compreensão desses lugares marginalizados, bem como essas fronteiras são instaladas e, por vezes, nunca ultrapassadas. Com base nas peças, e de acordo com uma revisão bibliográfica sobre o tema, analisaremos a relação construída entre os termos bárbaros / selvagens e gregos / civilizados, refletindo acerca do diálogo e da atualização dos contextos e das personagens que, de maneiras distantes temporalmente, representam o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Medeia. Bárbaros. Civilizados.

Releitura da personagem homérica Circe em Madeline Miller

Gabriela Souza Farias de Azevedo (UERJ)

Este trabalho compara a Circe de Homero (*Odisseia X*) e a releitura contemporânea de Madeline Miller (*Circe*, 2019). A maga homérica ressurge em Miller como uma mulher que encontra sua identidade pela magia. Confirma-se, no percurso da personagem, o que Stéphanie Madureira (2020, p.298) denominou “processo discursivo”, em que a imagem da feiticeira, associada a uma mulher perversa, é capaz de minar a virilidade (*Odisseia X*, vv. 299-301) e transformar homens em animais. Tal visão se coaduna com a da filósofa Silvia Federici (2019, p.69), que defende a hipótese de apropriação desse mito pela demonologia para justificar o “medo da sexualidade descontrolada das mulheres”. Em Miller, encontramos uma tentativa de desvincular a representação maléfica de Circe e, conseqüentemente, da figura da bruxa. Isso nos permite identificar uma preocupação de autoras contemporâneas em reescrever personagens femininas na perspectiva de Virginia Woolf (2019, p.15): mulheres escritoras urgindo por “alterar valores estabelecidos”, assim como nos comprova o papel da Recepção dos Clássicos em delimitar fontes

clássicas que foram alteradas, marginalizadas ou negligenciadas ao longo dos séculos (BAKOIANNI, 2016, p. 115).

PALAVRAS-CHAVE: *Odisseia*. Circe. Madeline Miller.

A Fera da Cólquida: o espelho da fúria

Jéssyca Florêncio Simão da Silva (UFRRJ)

Com base na leitura das tragédias sobre a personagem Medeia, pretendemos analisar como a história de Neyde Maria Maia, popularmente conhecida como “A Fera da Penha”, em decorrência do infanticídio por ela cometido no Rio de Janeiro nos anos 1960, foi escrita por meio de referências capazes de recriar a imagem da mulher assassina em fúria. Discutiremos como essas semelhanças partem de uma elaboração narrativa que traz em si uma imagem já construída sobre aquela que elabora e executa o infanticídio. Para isso, partiremos do mesmo ponto: a vingança da mulher trocada, por meio do assassinato de crianças, uma vez que o infanticídio é um crime que gera grande comoção entre as pessoas e, até hoje, infelizmente, conta com um alto índice de casos. O título, assim, recupera o diálogo entre tragédia-realidade, fazendo uma analogia entre as duas histórias. Acreditamos que essa relação entre mito e realidade nos permite compreender alguns processos literários presentes na narrativa histórica, tanto de Neyde Maria Maia quanto de outras mulheres motivadas pela vingança comum. Conscientes das distâncias de contexto e tempo entre as duas, interessa-nos a composição de uma personagem que, por trata-se de uma mulher real, se torna uma atualização da infanticida trágica.

PALAVRAS-CHAVE: Infanticídio. Fúria. Vingança.

De Odisseu a José: a jornada dos heróis

Mateus Amorim Ribeiro (UFRRJ – IM)

A apresentação desta comunicação tem por objetivo o compartilhamento do processo de pesquisa que deu origem ao espetáculo “A jornada de um herói” (2022) e à explanação de como esse espetáculo sofre influências diretas de narrativas clássicas. Com base em estudos de narrativas como a *Odisseia*, de Homero, e mitos como o de Hércules e seus 12 trabalhos, a dramaturgia busca ressignificar a ideia de “jornada do herói”, conceito analisado pelo historiador e mitologista Joseph Campbell, ao narrar um dia da vida de

José, um homem preto, pobre e analfabeto, que, após ser demitido, embarca em uma missão para ir atrás de uma recompensa: o Fundo de Proteção e Garantia ao trabalhador desempregado. Procura-se levantar nessa apresentação questões que estão sendo estudadas desde o ano de 2020 - quando se iniciaram os estudos para a criação do espetáculo, como os imbricamentos entre as tramas clássicas e as narrativas periféricas contemporâneas -, a ideia canonizada de herói e sua transformação ao longo da história e a compreensão de como estas realidades clássicas e contemporâneas, por mais que pareçam opostas, podem relacionar-se e revelar mazelas sociais ainda latentes na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Herói. Narrativas. Teatro.

Tradução teatral e alteridade: outras Medeias.

Prof^a. Dr^a. Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ)

Com base no recorte de três processos referentes ao trabalho com a tradução de textos teatrais, abordarei algumas especificidades imbricadas na passagem da língua de partida para a língua de chegada, quando o objetivo é o texto cênico. Como exemplo, apresento alguns fragmentos das traduções de duas peças inspiradas em *Medeia*, de Eurípides, com ênfase nas estratégias utilizadas para traduzir palavras e expressões que, mais do que marcar a origem das personagens, são compreendidas como um consciente projeto linguístico presente na concepção da semiologia teatral desses dramaturgos. As peças que integram esse estudo são *A Fronteira* (David Cureses, 1960), originalmente escrita em espanhol, e *Medeia dos foragidos* (Manuel Lourenzo, 1984), em galego. Em ambas, vemos a composição de personagens que, pelo signo da palavra, levam para cena questões caras ao reconhecimento de identidades subalternizadas, seja por meio de variantes de pouco prestígio social, seja pela recuperação de uma memória que historicamente relaciona a Medeia colca às argentina e galega. Logo, nessa perspectiva, também encontramos questões que já aparecem indicadas no texto grego e que, nas peças de recepção, ganham destaque ao serem atualizadas, permitindo que a personagem de Medeia atue como uma porta-demanda de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução teatral. Alteridade. Medeia.

O conteúdo dos Anais de Ênio como modelo para escrita poética de Cícero

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira (UFES)

O presente trabalho apresenta traduções de excertos do *De Consulatu Suo*, de Marco Túlio Cícero, a fim de revelar efeitos intertextuais (tal como postos por Barchiesi) dessa obra com os *Anais* de Ênio, de forma a observar a construção autoridade do orador por meio do conteúdo de sua escrita poética. Considerando os cuidados de Cícero para lidar com o revés de sua posição social como *homo nouus* em sua atividade forense e política, acreditamos que não há como dissociar seus escritos poéticos desses esforços, principalmente tratando-se de um texto autobiográfico, como é a obra em questão. Observamos que os *Anais* de Ênio, além de constituírem um modelo histórico e poético para Cícero, fornecem uma matéria que pode ser utilizada para a criação de efeitos retóricos, como o *páthos*, na composição discursiva do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Cícero. Ênio. *De Consulatu Suo*.

As Laudes Galli no quarto livro das Geórgicas

Juliane Bezerra da Silva (UFRJ)

A menção de Mauro Sérvio Honorato, gramático do final do século IV, aos louvores a Galo em seu comentário ao quarto livro das *Geórgicas* (*In: VERGILII CARMINA COMMENTARII*, 4.1) suscita ainda hoje intenso debate entre os estudiosos da área de Clássicas. Alguns defendem a presença das *Laudes Galli* em uma primeira edição da obra e acentuam o seu caráter literário e ideológico. Outros, entretanto, negam a existência de qualquer vestígio da hipotética versão primeva. No presente trabalho, apresentaremos algumas das interpretações já oferecidas, assim como o modo com que elas podem contribuir para a leitura das *Geórgicas*, e teceremos considerações nossas a respeito dessa problemática, ainda não devidamente explorada.

PALAVRAS-CHAVE: Sérvio. Virgílio. *Geórgicas*.

O encômio às *nugalia* nos *Elogios da fumaça e da poeira*, de Frontão

Fabrizia Nicoli Dias (UFES)

Marco Cornélio Frontão foi um orador e professor de retórica do século II d.C. De suas composições, apenas um epistolário chegou, de forma fragmentária, até os nossos dias. Constitui a correspondência o elogio dirigido à fumaça e à poeira (*Laudes fumi et pulveris*, doravante *Laudes I*), que, além de abranger o louvor propriamente dito, conta com o que parece ser a primeira reflexão teórica antiga sobre as leis dos encômios paradoxais, isto é, celebrações de matérias consideradas pouco exaltáveis para a opinião comum. Diante disso, objetiva-se, neste trabalho, discutir sobre os traços específicos dessa variedade discursiva sob a ótica do retor. Para tal estudo, contemplam-se discussões da tratadística da Retórica Antiga e comentários modernos sobre a referida missiva, como os de Pernot (1993), Dandrey (1997) e Fleury (2006). Com base nessa investigação, depreende-se que a preceptiva veiculada na epístola integra uma teoria retórica frontoniana mais ampla que preconiza o decoro. Se, portanto, a preocupação com o refinamento é sugerida em algumas cartas, como no louvor em questão, e, em outras, dissuadida, isto não se dá por haver uma inconsistência na concepção do orador, mas, antes, porque os aparatos inaptos em deliberações, por exemplo, se tornam próprios na eloquência laudatória paradoxal. PALAVRAS-CHAVE: Encômio paradoxal. Cartas de Frontão. Elogios da fumaça e da poeira.

Sessão de comunicações 3

A recepção do mito de Clitemnestra em uma peça de Carlos Henrique Escobar

Bárbara Siqueira Martins (IL-UFF)

O objetivo desta comunicação é apresentar a pouco divulgada peça *Ana Clitemnestra* (1986), do filósofo e escritor brasileiro Carlos Henrique Escobar, hoje radicado em Portugal. A peça que recepciona o mito grego sobre o casal Agamêmnon e Clitemnestra, bem como o amante desta, Egisto, usa como pano de fundo o episódio histórico que ficou conhecido como “Tragédia da Piedade”, crime passionnal em que morreu Euclides da Cunha (1866-1909), autor de *Os sertões* (1902). Segundo Barbosa e Nuñez (2016, p. 301), Escobar talvez seja o dramaturgo “que mais produziu peças de extração mítica, para o teatro brasileiro”. No entanto, estudos sobre sua obra dramática – *Antígona América* (1962), *Ramon Filocteto americano* (1977), *Jose Medeia/Medeia Masculina* (1998) –

ainda são pouco referidos nos Estudos Clássicos. Com esta comunicação, baseada na dissertação em andamento “Tragédia no subúrbio carioca: a recepção do mito de Clitemnestra na peça *Ana Clitemnestra*, de Carlos Henrique Escobar”, espera-se ampliar o interesse sobre a recepção da tragédia clássica no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção Clássica. Dramaturgia brasileira. Carlos Henrique Escobar.

Neomitologismo e estética nazifascista na Liga da Justiça de Zack Snyder

Dáleth da Silva Costa (UFF)

Nos últimos vinte anos, os filmes de super-heróis têm assumido protagonismo nas bilheterias e no gosto do grande público. Em 2021, foi a vez de “Zack Snyder’s Justice League”, cujo material é uma reconstrução do filme que fora lançado originalmente em 2017 com direção de Joss Whedon. O diretor Zack Snyder e o roteirista Chris Terrio apontaram que sua obra fílmica estava permeada por uma nova mitologia, a “mitologia dos super-heróis”. Tal apontamento nos leva aos seguintes questionamentos: em que medida as histórias de super-heróis em filmes contemporâneos refletem alguma mitologia? Qual sua relação com a mitologia clássica? Como o cinema reinventa o passado mitológico e cria novas narrativas “mitologizantes”? Esta apresentação partirá do conceito Winkleriano de “neomitologismo” e terá como apoio metodológico a filmologia como apresentada pelo estudioso (WINKLER, 2005, 2009 e 2020). Propondo-me discutir como a mitologia antiga está sendo retrabalhada na indústria hollywoodiana em filmes de super-heróis da DC Comics, nessa comunicação, em particular, apresento análises preliminares de cenas do prólogo da longa-metragem. Considerando também o uso da linguagem fílmica, analisarei a caracterização divinizante dos personagens e como as escolhas cinematográficas do diretor podem refletir uma estética nazifascista.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção Clássica. Neomitologismo. Super-Heróis.

Sobre os personagens cômicos

Luan Pereira dos Santos (UERJ)

No presente trabalho, propomo-nos mergulhar no campo da tipificação dos personagens que se fazem presentes nas comédias romanas. Para tanto, recorreremos aos preceitos das

construções dos personagens antigos propostos pela tradição. Essa tradição, por exemplo, é apresentada, muito embora por motivos opostos e tempos distintos, por Platão, Aristóteles e Horácio. Além disso, ela reverberou nas peças de Plauto e Terêncio, comediógrafos de Roma, e podemos verificá-las por meio de recursos textuais poéticos em alguns dos textos desses autores cômicos. Por fim, descreveremos a construção dos seguintes personagens: o soldado fanfarrão, o escravo mentiroso, a meretriz, o amante e o rústico.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição. Comédia. Personagens.

Sessão de comunicações 4

La cuestión de la identidad. El mito como sistema de representaciones identitarias

Prof^a. Dr^a. María Cecilia Colombani (UM, UNMDP, UBACYT)

El proyecto del presente trabajo consiste en efectuar una lectura antropológica de ciertos mitos presentes, tanto en *Teogonía* como en *Trabajos y Días*, tal como el mito de Prometeo o el de las razas, específicamente en el segundo poema, así como el mito del descuartizamiento de los Titanes en el relato órfico, a fin de analizar algunos aspectos referidos a la identidad de los mortales como espacio congregante del colectivo.

En un primer momento nos referiremos a algunas consideraciones en torno al mito como articulador de sentido. El mito constituye una forma de cohesión social que otorga por su parte una identidad. Genera pautas identitarias y culturales que permiten a los humanos registros de pertenencia a un *topos* común. El mito constituye un sistema complejo con fines específicos: construir una identidad que actúa como un territorio compartido, instituyendo un sistema de referencias que permite ubicarnos antropológicamente.

Desde esta posición, indagar el tema de la identidad nos lleva a dialogar con los griegos ya que en ellos encontramos una fuente inagotable de problematizaciones que los ubica en el lugar de lo “clásico”. Los mitos seleccionados y analizados delinean desde sus *logoi* respectivos las avenidas por donde circula nuestra identidad; han instituido, desde su arquitectura discursiva, las rutas que contornean una pertenencia identitaria, que parece jugarse en los marcos que el desgarramiento originario entre hombres y dioses traza en su dramática épica.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. Identidad. Cultura.

O mito platônico em Apuleio: Eros e Psiquê

Giovanna Angela Agulha Sarti (USP)

Assentado sobre matrizes literárias, iconográficas, míticas e filosóficas, a qualidade *sui generis* de “Cupido e Psiquê” faz deste o mais notório conto inserido por Apuleio (120-180 E.C.) em *O Asno de Ouro*. Por um lado, pode ser lido, até mesmo em separado de seu contexto originário, como um antecessor distante dos Contos de Fadas que acompanham a humanidade desde suas expressões na oralidade até a fixação pelos Irmãos Grimm, contando com diversas leituras desencadeadas em interpretações alegóricas. Contudo, a complexidade da narrativa se desvela em sua verdadeira riqueza junto ao romance em que se insere, tendo, no desenho de queda e ascensão ao plano divino de ambos, Psiquê e do homem-asno Lúcio, ilustrações da disciplina necessária à alma. Assim, Eros, Afrodite e Psiquê são transpostos para *Fedro* e *O Banquete*, tomando a temática erótica e sua influência sobre as instâncias da alma enquanto propulsor da busca de conhecimento como temáticas basilares do simbolismo desenvolvido no conto.

PALAVRAS-CHAVE: Cupido e Psiquê. Platonismo. Apuleio.

O Mito na ascensão do "mito" (bolsonarismo) - Como a desvalorização da Literatura nos conduziu ao bolsonarismo

José Eduardo Fonseca Brandão (UFF)

Os estudos sobre os mitos podem conter importantíssimo conhecimento para compreender a ascensão do bolsonarismo, movimento de massas (Freud; Reich) cujo líder recebeu, por diversas vezes, a alcunha de "mito". Na narrativa política montada entre os anos de 2013 e 2018, o Brasil estaria entregue ao caos e à "roubalheira do PT", vivendo à iminência de se tornar uma "Nova Venezuela". Todavia, não mais seria pisoteada a esperança coletiva dos órfãos da Ditadura Empresarial Militar de 1964 e dos "bons tempos de prosperidade" dos anos 1990-2002. Reportagens tendenciosas, passeatas e manifestações constroem o clima de caos. E tal como o surgimento da cruzada das crianças, no século XIII, eis que surge um grupo de "cidadãos de bem", sob a liderança do "mito", ou do Messias, Jair Bolsonaro, que se sacrificou por seu País, recebendo uma facada no bucho, mas permanecendo firme na "luta contra o PT". Que exemplo de herói! Tal como Zeus, ou Prometeu, ou Jesus Cristo que se sacrificou pela humanidade. A

"renovação" política veio com a vitória do bolsonarismo nas eleições de 2018, estabelecendo tempos de "honestidade" e "progresso", assim como se vê hoje em dia, pelo menos no imaginário bolsonarista.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Literatura. Mitos. Política.

Sessão de comunicações 5

Estátuas gregas policromadas: por que persiste o ideal do mármore branco?

Vitória de Freitas Machado (UFRJ)

Mais do que um simples reflexo da realidade, a cultura material representa uma série de suportes para projeções sociais e aspiracionais. O imaginário coletivo contemporâneo insiste em associar a estatuária helênica apenas ao mármore acromado, mas este fenômeno não se dá por acaso. É evidente que as estátuas helênicas perderam pigmentos ao longo dos séculos, da sujeição às condições climáticas e às de conservação. Mas também são inegáveis evidências de pigmentos que cobriam sua superfície, alguns podendo ser vistos a olho nu. Sobretudo na segunda metade do século XX, emergem debates de que essas mesmas estátuas seriam amplamente colorizadas, revestidas de pigmentos geralmente minerais, inclusive, dotadas de alguns tons vibrantes. Nossa reflexão tem o objetivo de investigar essa espécie de “cegueira coletiva” e o papel das cores, enquanto sensibilidades, como agentes de mediação na estatuária helênica dos séculos VIII a V a.C.

PALAVRAS-CHAVE: Policromia. Antiguidade Grega. Imaginário coletivo.

O comércio de cerâmicas figuradas entre Grécia e Etrúria

Ninna Koritzky Falconiere Lopes (UFF)

Os etruscos estavam amplamente envolvidos nas redes de contato e trocas ao redor do Mediterrâneo antigo. Seus principais produtos de exportação eram os metais, porém, diversos outros objetos etruscos foram encontrados em variadas regiões do Mediterrâneo. Sua relação com a Grécia era particularmente significativa e bastante antiga. Ainda que não tenhamos muitos dados escritos sobre esse contato, os dados arqueológicos, principalmente cerâmicos, são bastante profícuos. Cerca de 30.000 vasos gregos, principalmente áticos, foram encontrados ao longo da região ocupada pelos etruscos

desde o século XVI. Esta apresentação pretende trazer uma breve explanação sobre as relações de trocas entre a Grécia e a Etrúria, buscando compreender esse comércio como parte de um processo de hibridização cultural, fora de uma ótica centro-periferia.

PALAVRAS-CHAVE: Cerâmica. Comércio. Etrúria

**Formas da poesia e do poeta: um olhar para a tradução da *Odisseia*
na linguagem dos quadrinhos**

Maria Clara da Cunha Machado (UFF)

Com base na análise da *Odisseia* em quadrinhos, idealizada por Tereza Virginia Barbosa e Piero Bagnariol e lançada pela editora Peirópolis em 2013, o presente trabalho pretende demonstrar como uma tradução do épico homérico para uma linguagem diferente pode reconstruir elementos do poema. A apresentação trará dois tópicos como foco: a relação entre Odisseu e a figura do poeta, mostrando como as similaridades entre eles foram tratadas; e o olhar para as estruturas de linguagem utilizadas no épico - epítetos, cenas-típicas e símiles – e a forma como foram transpostas para uma linguagem visual. Por meio desse recorte, buscamos entender como os efeitos estéticos e de sentido do poema homérico, que constituíram tópico de estudos dos Estudos Clássicos ao longo de séculos, foram imaginados e idealizados em um projeto de tradução para a linguagem dos quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução intersemiótica. *Odisseia*. Quadrinhos.

Sessão de comunicações 6

Nunc operam date: os prólogos postergados de *Miles Gloriosus* e *Cistellaria*

Fellipe Duarte da Silva Alves de Souza (UFRJ)

Nesta comunicação, apresento os resultados do estudo comparativo das ilocuções assertivas e diretivas no exórdio postergado de *Miles Gloriosus* (vv.79-155) e no prólogo duplo de *Cistellaria* (vv.120-202). Apoiado na teoria dos Atos de fala para a análise dos prólogos (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1979; RISSELADA, 1993; GÓMEZ, 2017), analiso os versos proferidos por Palaestrio, escravo que, no *Miles Gloriosus*, participa também da ação (RICHLIN, 2017), em relação àqueles proferidos, na *Cistellaria*, tanto por uma personagem feminina, com técnicas ímpares de *captatio benevolentiae*, quanto pelo deus

Auxilium. Apesar de diferirem, quanto ao tipo e quanto ao gênero, as personagens em cada caso, sugiro, em conclusão, que a linguagem empregada por elas nos prólogos postergados dessas duas peças, coroada por uma diretiva espelhada comum à primeira seção de ambas (*nunc operam date*), convida a uma aproximação entre o escravo de *Miles* e o deus Auxilium.

PALAVRAS-CHAVE: Plauto. Pragmática. Prólogos postergados.

Tradução em Duplo Decassílabo do Canto VIII da Eneida de Virgílio

Jonathan Henrique Marcos de Azevedo (UFF)

Esta comunicação tem como proposta apresentar parte de minha tradução do Canto VIII da *Eneida* (731 versos latinos) em duplo decassílabo – seguindo a prática inovadora do professor Leonardo Antunes, ainda não empregada na tradução de Literatura Latina. A escolha do Canto VIII se dá pois sua tradução não é recorrente de forma isolada, como os Cantos I ou IV, por exemplo. O uso do duplo decassílabo, por sua vez, permite ao tradutor algumas vantagens, como o número maior de sílabas para dar conta de retrabalhar conteúdo e forma ao mesmo tempo. Além de considerar algumas discussões teóricas, minha tradução também procura empregar um dialeto poético contemporâneo, fazendo uso de escolhas vocabulares e sintáticas que possam, de algum modo, facilitar a leitura, mas também sem grandes concessões. Por fim, essa comunicação é resultado da minha dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem (UFF) e está relacionada com as atividades do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC/UFF) e do Núcleo de Tradução e Criação (NTC/UFF).

PALAVRAS-CHAVE: *Eneida*. Tradução. Duplo decassílabo.

Oráculos da Roma republicana

Fernanda Ferreira Lyra Bastos (UNIRIO)

Pretende-se, nesta comunicação, analisar as práticas divinatórias utilizadas pelos diferentes colégios sacerdotais nos trabalhos de Cícero, especialmente como apresentadas no livro II de *De Divinatione*. O estudo das práticas divinatórias pauta-se em teóricos da religião e na análise de outros tratados e discursos políticos do autor latino. As práticas divinatórias partilhadas por uma cultura religiosa entre os gregos, etruscos e romanos

denotam a partilha espiritual de formas de comunicação com os deuses como uma prática de troca religiosa, tal como de saberes entre os diferentes grupos religiosos, na forma como a religião romana se desenvolve pela recepção de deuses e práticas na cidade de Roma durante a República.

PALAVRAS-CHAVE: Divinação na Antiguidade. Roma republicana. Cícero.

Sessão de comunicações 7

O homem romano em luto: epístolas 63 e 99 de Sêneca

Angélica de Azevedo Silva (UFF)

Sêneca, filósofo romano do século I d. C., escreveu uma série de missivas endereçadas ao amigo Lucílio com vista a convertê-lo ao Estoicismo. Entre essas, há duas cartas consolatórias que tratam do luto: a 63 e a 99. Ambas, de formas distintas, apresentam o comportamento ideal do homem romano diante da perda de um ente querido: ter firmeza de ânimo e reagir sem excessos, ou seja, mesmo diante do sofrimento deve prevalecer a moderação adquirida pelo estudioso da filosofia estoica, que entende a morte como um indiferente. Na carta 63, Sêneca consola Lucílio em relação à perda do amigo Flaco, utilizando um tom mais suave e geral quanto ao luto. Na 99, ele reproduz uma carta que endereçou a Marulo, quando da perda de um filho em tenra idade, e nela o remetente explora um tom mais contundente. Com o estudo das citadas cartas, é possível estabelecer uma aproximação do comportamento esperado do cidadão romano perante o luto, muito diferente da reação associada à mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Sêneca. Estoicismo. Carta consolatória.

“Matar novamente o que está morto”: a construção da memória sobre os *átaphoi* na Grécia antiga

Camila Alves Jourdan (UFF)

O verso da tragédia *Antígona*, de Sófocles, é bastante revelador sobre o imaginário grego acerca da importância dos enterramentos: não sepultar um decesso é “matar novamente o que está morto” (v. 1030). A memória sobre o falecido não enterrado é perdida entre os vivos. Nossa comunicação tem como objetivo analisar a relevância dos enterramentos e compreender as estratégias utilizadas para a manutenção da memória sobre o morto,

especialmente daqueles que faleciam no mar e não possuíam corpos a serem enterrados. Para tanto, iremos cotejar documentações textuais do período arcaico e clássico. Diante da importância de realizarem-se os rituais funerários, os helenos alteraram as práticas tradicionais de modo a poder erigir uma tumba, enquanto memorial fúnebre, para aqueles decessos no ambiente marinho.

PALAVRAS-CHAVE: Enterramento. Memória. Morte.

Violência política e imperialismo em *As Troianas*, de Sêneca

Licya dos Santos Rios (UFF)

As Troianas de Sêneca são uma peça trágica que retrata o destino das mulheres de Troia após a derrota da cidade pelas mãos dos gregos. As mulheres capturadas, inclusive membros da realeza, agora são prisioneiras que serão sorteadas como escravas pelos combatentes vitoriosos. Entre elas, há Andrômaca, esposa de Heitor, mãe de Astíanax, o último herdeiro de Troia. Um suposto vaticínio exige a morte do menino para que os gregos retornem para sua terra natal sem a ameaça de um futuro vingador. Cabe ao ardiloso Ulisses o papel de algoz e a Andrômaca tentar proteger o filho de uma morte sacrificial garantindo o futuro de Troia. Nesta comunicação serão discutidos os versos 524-633 da cena 2 do ato 3 sob o viés teórico dos Estudos Feministas da Tradução. O objetivo é demarcar a batalha verbal entre Ulisses e Andrômaca, destacando que emerge desse diálogo a violência política, o imperialismo e o genocídio cultural. Esta é a segunda etapa de pesquisa do projeto de iniciação científica intitulado "A verdade a qualquer custo: recepção crítica de *As Troianas* de Sêneca", com bolsa voluntária PIBIC.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção crítica. Tradução ativista. Sêneca.

***As Troianas*, de Sêneca, e a longa memória da violência sexual na guerra**

Érica Marques de Sant Anna (UFF)

A violência da guerra, que se estende às violações dos direitos de mulheres e crianças, é de longa memória e persistente na história. No prólogo da peça latina *As troianas*, escrita por Sêneca no início da nossa era, a rainha Hécuba comenta a derrota na guerra de Troia e lamenta o destino das mulheres como futuras escravas dos gregos vitoriosos. Como

afirma a pesquisadora Kathy Gaca, já na Antiguidade, o confronto homem a homem era apenas uma parte da guerra.

Em fevereiro de 2022, a Rússia invadiu a Ucrânia, surgindo, em seguida, denúncias de agressões sexuais, confirmadas pela ONU. O escritor romeno Matéi Visniec relembra na peça *A mulher como campo de batalha* a mesma violência perpetrada no conflito dos Bálcãs, na década de 1990, dando voz à personagem Kate: “O pênis do novo guerreiro está encharcado do grito das mulheres violadas, como outrora a faca do cavaleiro, do sangue do seu adversário” (2012, p. 99). Esta comunicação apresentará uma parte da dissertação em andamento que inclui a tradução crítica e feminista da peça de Sêneca, trazendo à tona a violência sexual e a alienação cultural pela voz das troianas.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Feminista. *As Troianas*. Estudos da Recepção.

Sessão de comunicações 8

Amor e cuidado de si: uma mensagem ética do *Banquete* para os nossos dias

Felipe Gustavo (UNICAP, FACHO)

O cuidado de si é, na história da Filosofia antiga, uma máxima sempre presente e encontra, no Sócrates do *Banquete* de Platão, o ponto mais alto de sua noção filosófica. Cuidar de si era uma espécie de ética que norteava as relações na Antiguidade, fazendo parte do panorama educativo e, é claro, filosófico daquela época. O amor é um conceito fundamental para o entendimento da Filosofia platônica e, no *Banquete*, ocupa posição privilegiada por representar um importante manual descritivo sobre a preocupação do homem antigo com o poderio de Eros. O objetivo deste trabalho é demonstrar como Platão, pelo viés da erótica no *Banquete*, exorta a superação das formas de amar desvinculadas de um apreço da razão. Apesar de não ser o tema central do diálogo, a noção de cuidado de si pode ser lida no *Banquete* com base em três pontos: pelas lacunas nas definições de amor que precedem o discurso de Sócrates-Diotima e pelo seu conteúdo filosófico que retira Eros de seu potencial apenas negativo e atribui-lhe um caráter filosófico; e, por fim, pela relação Sócrates-Alcibíades. Essa discussão pode trazer-nos importantes reflexões sobre as formas de amar observadas nos relacionamentos de nosso mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Eros. Cuidado de si. Amor.

Imagens do tempo na filosofia natural de Aristóteles

Gabriel Moraes Dias de Souza (PUC-RIO)

A teoria da temporalidade desenvolvida por Aristóteles é formulada em um de seus mais importantes textos: o tratado do tempo. Ele, mais especificamente visto, encontra-se nas linhas do quarto livro da *Física*, ao longo dos capítulos 10 a 14. Esse é o contexto por meio do qual se norteia o trabalho a ser apresentado, que procura trazer à luz uma interpretação sobre os vários sentidos de tempo e suas imagens para a percepção humana. O objetivo central, portanto, é compreender por ora a ideia aristotélica de que o tempo “não existe totalmente ou que <existe> tanto de modo complexo quanto obscuro” < ἢ ὅλως οὐκ ἔστιν ἢ μάλιστα καὶ ἀμυδρῶς. (*Fís.* IV.10, 217b33-34).

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles. Tempo. *Phantasia*.

Mitraísmo e cristianismo na Roma antiga: convergências e divergências

Michelle Paiva Marinho (UFRJ)

Com base no estudo da religião mitraica na Roma antiga e do então incipiente cristianismo, apresentam-se possíveis indícios de sincretismo entre o culto ao deus Mitra e o culto cristão, com o intuito de se descreverem, tanto quanto possível, algumas das formas com que um culto de origem persa, calcado na iniciação em mistérios, pode ter auxiliado em uma maior aceitação, por parte dos romanos, o culto cristão. Com base nas principais semelhanças que ambos os cultos compartilham, serão abordados aspectos mitraístas talvez assimilados pelos cristãos até os dias de hoje, como, por exemplo, a data não canônica estabelecida pelo imperador Constantino para o nascimento de Cristo, coincidente com a do nascimento do deus solar, Mitra, esta mesma não constante de nenhum texto bíblico.

PALAVRAS-CHAVE: Roma antiga; Mitraísmo; Cristianismo.

Ecos da poesia virgiliana em Agostinho

João Victor de Souza Silva (UFJF)

Foi durante o “retiro filosófico” de Agostinho, em 386 d.C., que a obra *Contra Academicos* fora escrita. Este é um diálogo controverso, pois ainda se discute acerca de

seu real propósito, sendo o de refutar os acadêmicos - o que alguns julgam que isso ele não o faz muito bem -, ou o de servir como uma propedêutica filosófica, cujo fim seria apresentar uma metodologia para o fazer filosofia. De ambas as formas, nota-se que o diálogo continua a despertar discussões valiosas. Dessa maneira, pretende-se abordar a questão do diálogo como propedêutica filosófica, investigando o uso do poeta Virgílio como fonte para discussão e treinamento, cujo intuito é o de oferecer maior rigor para o pensamento filosófico. Além disso, interessa mostrar como a poesia virgiliana é analisada por esse método agostiniano, ao mesmo tempo que se apresenta o seu funcionamento.

PALAVRAS-CHAVE: Agostinho. Virgílio. Filosofia.

Sessão de comunicações 9

Interseção entre ciclo Atrida e ciclo Troiano no *Agamêmnon* de Ésquilo

Fernanda Mattos Borges da Costa (UFRJ)

O mito é a origem da reprodução cultural, política e religiosa da tradição poética clássica. A tragédia baseia-se, sobretudo, em mitos dos heróis, com personagens célebres dos ciclos míticos. Esses extensos ciclos são apropriados pela tragédia, que transforma a narrativa mítica em ação e utiliza-se do contexto histórico-literário para dar corpo à poesia. Com esta concepção de mito, propomos que o relato da morte do rei Agamêmnon na peça de Ésquilo “intersecciona”, pelo menos, dois ciclos míticos: o Troiano e o Atrida. O pano de fundo do enredo trágico alude ao contexto mitológico anterior aos eventos diretamente relatados na narrativa ou implicadas nos seus versos, ligados a fatos e personagens mencionados na tragédia. Independentemente da proximidade temporal aos eventos da peça, consideramos que esses ciclos míticos são essenciais para a compreensão aprofundada da tragédia, em especial para a construção do dilema de Agamêmnon, que constitui tanto a sua responsabilidade como o seu destino inexorável. As fontes dos mitos requerem alguma seleção. Apresentá-las requer corte temático e foco narrativo, ambos voltados para construir e explicar especificamente os elementos do contexto mítico relevantes no *Agamêmnon*. Tomaremos por pressuposto que, em alguma medida, os mitos referidos eram de conhecimento de Ésquilo e estavam disponíveis para serem incorporados ou transformados por ele.

PALAVRAS-CHAVE: Agamêmnon. Mitologia. Ésquilo.

O arauto e a Nêmesis – a tragédia grega como rastro ritual do sagrado feminino

Gabriela de Assis Costa Moreira (UFRJ)

Das incontáveis e diversas análises do nascimento do fenômeno trágico produzidas pela humanidade no decorrer dos séculos, uma característica em particular faz-se presente: a pouca ou nenhuma interlocução com o contexto mítico/mágico-religioso das sociedades gregas clássicas. Esta, quando existente, em geral resume-se à inserção do espetáculo trágico na liturgia dionisíaca, quase sempre em associação criteriosa com outras divindades (sobremaneira, nos cultos dos Mistérios e do Orfismo); ou às práticas coletivas de bem-estar e saúde em localização específica dentro do diagrama da religião política grega, partícipes da formulação psicossocial de cidadania. Este trabalho, fruto da dissertação de mestrado intitulada “Pela Paz no Olimpo: ensaios de incivilidade para uma Mitopoeia da Razão” apresenta o nascimento da Tragédia Grega sob o *locus* de enunciação da profusão religiosa/espiritual decorrente do fenômeno de confluência religiosa que desponta nos territórios gregos a partir do século VI AEC. A análise, de influência estruturalista, propõe a Mitopoeia como método discursivo para o entendimento das invenções gregas do período Clássico, resultando em uma narrativa para o nascimento do fenômeno trágico como ressignificação do ritual mais antigo que aquele território já vivenciou: o sacrifício do Rei Divino, originário das religiões autóctones do sagrado feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Tragédia Grega. Religião. Mito.

O télos e a recepção do mito de Ifigênia em *O sacrifício do cervo sagrado* (2017)

Eduardo Cardoso (UFF)

Esta comunicação apresenta o meu projeto de dissertação de mestrado em andamento, cujo objeto de pesquisa é a peça clássica *Ifigênia em Áulis* (405 a.C.) do tragediógrafo grego Eurípides (c. 485- 406 a.C.) e uma das adaptações cinematográficas da obra *O sacrifício do cervo sagrado* (2017), de Yorgos Lanthimos. O objetivo é analisar o filme de Lanthimos, com base na relação entre o texto clássico e o mundo contemporâneo e apontar como a adaptação dá sobrevida à obra de partida e como o contexto de recepção pode influenciar essas relações. Do ponto de vista dos estudos da tradução, da adaptação e da recepção de textos clássicos, uma das principais referências é Lorna Hardwick, em *Reception Studies* (2003), que apresenta a ideia de as adaptações funcionarem como um

diálogo entre o texto antigo e sua relação como o mundo antigo e moderno, trazendo, assim, novas interpretações da obra original. No filme, identifica-se uma abordagem livre de adaptação, ao utilizar somente o fio condutor narrativo da tragédia de Eurípides no roteiro do longa-metragem. Além disso, a película estabelece um comentário sobre a recepção do mito grego, considerando a sequência sacrificial no final da narrativa, que acaba mudando o *télos* da peça trágica.

PALAVRAS-CHAVE: Eurípides. Recepção dos clássicos. Adaptação cinematográfica.

Minicursos

APRENDENDO O GREGO DAS OBRAS RARAS: INTRODUÇÃO À TIPOGRAFIA GREGA RENASCENTISTA

Prof. Dr. Pedro Martins (UFRJ)

Monitora: Bárbara Perez (PPGLC-UFRJ)

Este minicurso, de caráter prático, pretende oferecer aos participantes a possibilidade de entrar em contato com reproduções de obras raras renascentistas e modernas tipografadas em língua grega. O objetivo é demonstrar a importância da história da transmissão textual de obras em língua grega e orientar os participantes com relação ao acesso a essas fontes de pesquisa, tanto em repositórios *on-line*, como também na Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. O minicurso contará com: exposição do alfabeto grego, em suas variantes tipográficas, e sua transliteração latina; breve discussão sobre a história da escrita grega, em especial no contexto renascentista; sistematização das principais abreviaturas gregas; introdução ao sistema de numerais gregos e atividades práticas de leitura e transliteração de páginas de rosto de obras raras dos séculos XV-XIX em grego. Os participantes receberão uma apostila com as informações básicas a serem tratadas no minicurso e os exercícios que serão realizados em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Grego antigo. Paleotipia. Obras raras. Abreviaturas.

A RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA GREGA E ROMANA EM LIVROS PARA CRIANÇAS E JOVENS PUBLICADOS NO BRASIL

Prof^{fa}. Dr^a. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ/FAPERJ/CNPq)

Calvino (1993) e Ana Maria Machado (2009) apresentam importantes argumentos sobre a importância de ler os clássicos desde cedo, uma proposta que, em certa medida, se coaduna com o pensamento de Antônio Cândido (1970), que nos lembra que a literatura é um direito humano. Nesse sentido, é possível perceber que a leitura, por parte de crianças e de jovens, de livros que tomam a Antiguidade Clássica como tema se configuraria como uma importante estratégia pedagógico-cultural de apresentação das obras clássicas de autores gregos e latinos, bem como representaria uma forma significativa de estimular o público infantil e juvenil à interculturalidade com o mundo antigo. Com base no *FABULA* - Repertório bibliográfico sobre a Antiguidade Clássica na Literatura Infantil e Juvenil no Brasil (AZEVEDO, 2022), publicado pelo Grupo de Pesquisa FABULA (UFRJ/FAPERJ/CNPq), em cooperação com o projeto de extensão *Mitologando* (UFRJ) e tomando as reflexões propostas pelos estudos da recepção da Antiguidade Clássica, que valorizam a leitura dialógica (MARTINDALE, 2007, 2013) com o mundo antigo, “como um processo de compreensão de mão dupla, para trás e para frente, que ilumina tanto a antiguidade quanto a modernidade” (MARTINDALE, 2013, p.171), propomo-nos, neste minicurso, apresentar e analisar algumas das obras, destinadas às crianças e aos jovens, publicadas no mercado editorial brasileiro, cujo recorte temático é a Antiguidade clássica grega e romana.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade clássica grega e romana. Recepção da cultura clássica. Literatura Infantil e Juvenil brasileira.

Editoração: Érica Marques de Sant' Anna (mestranda); Prof^{as.} Dr^{as.} Glória Braga Onelley, Greice Drumond e Thaíse Bastos.

Comissão Organizadora:

Prof. Dr. Beethoven Alvarez (UFF)

Prof. Dr. Eduardo de Freitas (UFRJ)

Prof^{a.} Dr^{a.} Glória Braga Onelley (UFF)

Prof^{a.} Dr^{a.} Greice Drumond (UFF)

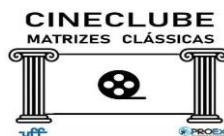
Prof^{a.} Dr^{a.} Thaíse Bastos Pio (UFF)

Publicidade:

Samuel Oliveira Silva (discente -UFF)

AGRADECIMENTO

A Comissão Organizadora agradece a todos os participantes do XXVIII Seminário de Estudos Clássicos da UFF.



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Prof. Dr. Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Vice-Reitor: Prof. Dr. Fabio Barboza Passos

Instituto de Letras

Diretora: Prof^a. Dr^a. Carla de Figueiredo Portilho

Vice-Diretora: Prof^a. Dr^a. Silvia Sousa

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Chefe: Prof^a. Dr^a. Thaíse Pereira Bastos Silva Pio

Subchefe: Prof^a. Dr^a. Greice Ferreira Drumond

XXVIII SEMINÁRIO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFF



ESTUDOS CLÁSSICOS: MEMÓRIAS E TRAJETOS

20 a 22 de setembro de 2022

Campus Gragoatá – Niterói (RJ)